

Cláudio Salm: *in memoriam*

Num ano em que ameaças políticas autoritárias, desemprego em massa e reformas econômicas liberais se afirmaram no Brasil, Cláudio Salm, aos 77 anos, nos deixou. Arguto intelectual de pensamento crítico, Salm havia recentemente observado, em uma palestra ministrada em 2018, que a realidade brasileira contemporânea, em particular a relação entre autoritarismo e liberalismo, longe de ser um acidente histórico, possuía raízes históricas profundas. Autoritarismo e liberalismo...

[...] não apenas são compatíveis, mas têm demonstrado ser complementares. Essa característica do Brasil – liberal-oligárquico –, marcante desde sempre, permanece a despeito de todas as mudanças ocorridas no Brasil contemporâneo. Expressão caricatural disso é a dupla Bolsonaro & Paulo Guedes (Anotações de uma aula, Adufrj, 2018).

Esta observação, que contradita o pensamento liberal tradicional tão em voga no país atual, reflete bastante bem seu posicionamento crítico aos cânones acadêmicos tradicionais, posicionamento que marcou sua longa atividade de pesquisador e professor.

Cláudio se aposentou como professor adjunto do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), especializado na área de economia do trabalho, mas nem a posição ocupacional nem a especialização exaurem ou resumem suas atividades e preocupações intelectuais exercidas ao longo de sua extensa vida profissional. Criativo, irreverente e totalmente insubmisso às métricas de produtividade sobre produção acadêmica, Cláudio fez parte desta safra de intelectuais hoje em

1. Professor titular do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

extinção no país cuja contribuição, nem sempre registrada, se espalha entre diversos artigos acadêmicos, artigos de jornal, seminários e fóruns acadêmicos, ao lado de ampla participação em pesquisas em centros de pesquisa e organizações do governo.

Cláudio se formou em Economia pela UFRJ em 1961. Em 1964, no ano do Golpe Militar, encontrava-se na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), em Recife, cidade que por sua tradição de resistência e organização das Ligas Camponesas foi palco de amplos conflitos políticos. Cláudio, ao lado de tantos jovens politicamente engajados com a transformação social, foi preso.

Em 1965 saiu do país e iniciou o curso de mestrado em Desenvolvimento Econômico na Escuela de Estudios Económicos Latinoamericanos para Graduados (Escolatina), da Universidade do Chile, em Santiago do Chile. Lá conviveu com diversos intelectuais brasileiros entre os quais José Serra – iniciando uma amizade que duraria a vida inteira – Maria da Conceição Tavares e José Luís Fiori. No ano seguinte, elaborou sua dissertação no Institute for Development Studies (IDS), da Universidade de Sussex, Inglaterra. Voltou para o Brasil em 1968 e, em meio aos fortes embates políticos deste ano, foi contratado como pesquisador pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), presidido neste período por Roberto Cavalcanti.

Em 1969 ingressa na Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense (UFF), iniciando um rico período de docência na disciplina Teoria do Desenvolvimento. Entre 1969 e 1976, o curso de Economia da UFF reunia o melhor do pensamento econômico estruturalista carioca, absorvendo inclusive professores da Faculdade de Economia da UFRJ, que apenas sobrevivia às restrições e intervenções políticas. Na UFF, Cláudio conviveu intensamente com Carlos Lessa, Antônio Barros de Castro, Ricardo Tolipan, Eduardo Augusto e José Tavares.

Seu passo acadêmico posterior foi o ingresso no curso de doutorado do Instituto de Economia da Universidade de Campinas (Unicamp). Lá, sob a orientação de João Manoel Cardoso de Mello, defende em 1980 sua tese *Escola e trabalho* (publicada pela Brasiliense em 1980).

Entre 1982 e 1984, Cláudio reside em São Paulo e trabalha como jornalista da *Folha de S. Paulo*, ao mesmo tempo em que se dedica a diversas atividades de pesquisa. Em 1985, assume, mediante concurso, a posição de professor adjunto no Instituto de Economia da UFRJ. Começou aqui sua especialização acadêmica na área da Economia do Trabalho, com particular atenção para as relações entre trabalho, emprego e

educação, tema central desenvolvido em sua tese de doutoramento. Diversos trabalhos seus e em coautoria (com Azuete Fogaça) são publicados (como artigos, capítulos de livro, textos de discussão), refletindo pesquisas realizadas junto ao Instituto de Economia da UFRJ ou da Unicamp e cobrindo diversos temas como emprego, qualificação e políticas sociais. Posteriormente, Cláudio Salm participou ativamente no Laboratório de Economia Política da Saúde em parceria com Lígia Bahia e Maria Lúcia Werneck, professoras da UFRJ.

A partir de sua aposentadoria na UFRJ, Cláudio participou regularmente com as atividades acadêmicas e discussões promovidas pelo *Boletim de Conjuntura*, da Faculdade de Economia das Faculdades de Campinas (Facamp), sem, entretanto, deixar de participar de diversas atividades de pesquisa e publicação promovidas pelo Laboratório de Estudos Marxistas José Ricardo Tauile (Lema) na UFRJ e, recentemente, como ativo membro associado do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento (Cicef).

O que distinguia intelectualmente Cláudio Salm como especialista na área da economia do trabalho era sua abordagem metodológica, que combinava, com muita criatividade, a tradição da economia política clássica e marxista com o pensamento estruturalista desenvolvido por economistas do desenvolvimento como Arthur Lewis e pelos autores da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), em particular por Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares. Com efeito, ao contrário da maioria dos economistas do trabalho, que adotam a abordagem neoclássica do capital humano, ele considerava as relações de trabalho, a estrutura do mercado de trabalho e a distribuição de renda no contexto mais amplo da economia do desenvolvimento e dos conflitos distributivos. Ao discutir a relação entre emprego e tecnologia, tema tradicionalmente examinado no plano microeconômico em que as máquinas substituem o trabalho, ele sublinhava que, no plano mais geral do desenvolvimento econômico das nações, em que as restrições ao crescimento advinham das crises de balanço de pagamentos, a questão fundamental do emprego, examinada quer da ótica do seu volume quer da sua qualidade, era a do atraso tecnológico. Ou seja,

[...] o que ameaça o nível de emprego, como um todo, não é a tecnologia mas o nível de atividade econômica. E como este tende a ser mais débil quanto menos inovadora é a economia, do ponto de vista tecnológico (e vice-versa) conclui-se que o atraso tecnológico é mui-

to mais prejudicial ao emprego que as inovações (SALM, C. Mercado de trabalho brasileiro: uma visão prospectiva, *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Campinas, v. 9, n. 1, 1992).

Embora Cláudio Salm tenha sido um estudioso das industrializações, ele refletia, sobretudo, sobre o Brasil e as vicissitudes e problemas da industrialização brasileira. Um bom exemplo deste envolvimento pode ser observado em “O debate às tendências da estagnação” (publicado em *Ecoss do desenvolvimento*, coordenado por Maria Mello de Malta, editado por Ipea e Centro Celso Furtado, em 2011). Esse texto, uma das melhores análises da famosa controvérsia sobre a estagnação brasileira examinada por Celso Furtado (em *Análise do modelo brasileiro*, de 1966) e suscitada pelo artigo crítico de Maria da Conceição Tavares e José Serra (“Além da estagnação”, de 1973) ilustra bastante bem a forma como Cláudio pensava a questão da distribuição do emprego de forma articulada com as questões mais gerais do desenvolvimento econômico.

Cláudio Salm era um pensador engajado ao lado das forças políticas progressistas e democráticas, mas sem militância partidária e com forte autonomia intelectual. Em uma entrevista à *Folha de S. Paulo*, em 2010, analisando os avanços e os equívocos dos governos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e do Partido dos Trabalhadores (PT) sublinhou que

O importante para mim é que a onda neoliberal não conseguiu acabar com os avanços social-democratas da Constituição de 88. O principal mérito de ambos [Fernando Henrique Cardosos e Lula], até aqui, é o respeito à democracia. Na economia, vejo, como os principais problemas dos dois, a facilidade com que permitiram, ou promoveram, a apreciação cambial, os juros mais altos do mundo e o descaso, nos dois períodos, com o investimento público que está num nível baixíssimo, um dos mais baixos do mundo. Nessas áreas, a continuidade foi incrível.

Infelizmente, como denota a citação do Cláudio que inicia este obituário, a onda neoliberal que se afirmou no país nos dois últimos anos está fraturando os avanços social-democratas de que ele, Cláudio, foi um sistemático defensor.